



ARTIGOS - ARTICLES

**Ser historiador das relações internacionais.
Diálogos com as escolas francesa e italiana¹**

Alexandre Moreli²
Universidade de São Paulo
alexandre.moreli@usp.br

Carlo Patti³
Universidade Federal de Goiás
carlo.patti@ufg.br

Como citar este artigo: MORELI, Alexandre; PATTI, C.. "Ser historiador das relações internacionais. Diálogos com as escolas francesa e italiana", *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº10, pp. 127-139. 2020. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa:

Resumo: O percurso do professor Amado Cervo alinha-se à construção de um perfil internacionalizado, que experimentou diversas colaborações e alimentou múltiplas influências. Pretendemos, neste texto, lembrar essas circulações e apropriações evocando duas tradições historiográficas caras ao professor Cervo: a francesa e a italiana. Buscamos, assim, mapear uma tradição partilhada de pesquisa sobre a história das relações internacionais, apresentando brevemente aos leitores o estado da arte hoje resultante.

Palavras-chave: Historiografia; História das Relações Internacionais; Amado Cervo; René Girault; Brunello Vigezzi

A Historian of International Relations. Dialogues with the French and the Italian Schools

¹ As contribuições a este texto dividem-se entre a responsabilidade de Alexandre Moreli pela parte introdutória e a d' "A escola francesa" e de Carlo Patti pela parte d' "A escola italiana" e da conclusão.

² Alexandre Moreli é Professor do IRI/USP e Vice-Diretor da Biblioteca Brasileira/USP. Moreli é também coordenador do Labmundi (Laboratório de Estudos sobre o Brasil e o Sistema Mundo/USP), da Área Temática "História das Relações Internacionais e da Política Externa", da ABRI, e possui doutorado pelo *Institut Pierre Renouvin* da *Université Paris I - Panthéon-Sorbonne*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7215-8566>. Email: alexandre.moreli@usp.br

³ Carlo Patti é Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de Goiás e Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política na mesma instituição. Patti é doutor em História das Relações Internacionais pela *Università di Firenze*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3265-8686>. Email: carlo.patti@ufg.br

Abstract: Professor Amado Cervo international experience was built on many collaborations, resulting in a diffused influence. In this text, we intend to remember these circulations and appropriations, evoking two important historiographical traditions to Professor Cervo: the French and the Italian. We thus seek to map a shared tradition on the history of international relations, briefly presenting readers with the state of the art resulting today.

Keywords: Historiography; History of International Relations; Amado Cervo; René Girault; Brunello Viguzzi.

“Ser historiador das relações internacionais”. Assim se intitula o livro reunindo diversos textos do historiador francês René Girault publicado em 1998 (GIRAULT, 1998). Organizado por seus discípulos, tratou-se tanto de uma homenagem quanto de um manifesto: não bastaria apenas “o fazer” para que alguém fosse reconhecido como um historiador das relações internacionais; “ser” demandava o ato contínuo de problematizar, como um abalizado historiador deve fazer, e uma permanente reflexão sobre a validade e os métodos que formam a disciplina e que indagam o objeto de pesquisa. O percurso do professor Amado Cervo, saudado neste volume especial, alinha-se à construção de tal perfil, mas também à própria trajetória de Girault e seus discípulos, colegas e mentores. Pretendemos, nestas curtas linhas, lembrar esses paralelismos evocando duas tradições historiográficas caras ao professor Cervo: a francesa e a italiana. Nosso propósito é demonstrar o quão árduo, muitas vezes conturbado, pode ser um trabalho pioneiro, de afirmação de um campo disciplinar, como Girault experimentou ao lutar pela sedimentação da história das relações internacionais na França, assim como Cervo aqui no Brasil ou ainda Brunello Viguzzi e Ennio Di Nolfo na Itália. Girault, Cervo, Viguzzi e Di Nolfo foram todos contemporâneos e colegas; todos experimentaram e alimentaram transferências metodológicas e a circulação de problemas de pesquisa entre seus grupos (CERVO, 2017, p. 25). Entender seus legados de forma combinada é entender a própria evolução do campo entre o Brasil e a Europa. Um objetivo derradeiro deste texto, por conseguinte, será o de mapear uma tradição partilhada de pesquisa sobre a história das relações internacionais, que esses nomes ajudaram a construir, apresentando brevemente aos leitores o estado da arte hoje resultante.

Sem menosprezar a importância da empiria, tão cara para tais pesquisadores, este texto se constrói tendo como referência a entrevista de história oral que o professor Cervo concedeu ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas em 2017, bem como se apoia em importantes obras de síntese sobre os celeiros acadêmicos francês e italiano, verdadeiros documentos historiográficos sobre o campo e que revelam inspirações e influências.

A escola francesa

Em seu último seminário na Sorbonne antes da aposentadoria, em 1994, René Girault lembrou seu itinerário como historiador. A consolidada carreira que ali palestrava, observou ele, teve um início pouco evidente nas décadas de 1950 e 1960, quando era instigada pelo contexto em que a sociedade francesa se inseria no mundo naquele momento, mas também ameaçada pela tradição historiográfica que se praticava então. Nesse período, a História Econômica e a História Social conheciam o apogeu na França, mantendo sob descrédito a História Política. Entretanto, a publicação de *Paix et Guerre entre les Nations*, de Raymond Aron, em 1962, projetava para a vanguarda da disciplina mais do que a própria obra. Tratava-se de um lembrete, à academia, de que se vivia um tempo clamando por um melhor entendimento de para onde a França *gaullienne* rumava no novo mundo da *détente*. Girault encontrava-se, nesse momento, em pleno desenvolvimento de seus estudos doutorais, representando a primeira verdadeira geração de historiadores das relações internacionais no país (que contava também com nomes como Pierre Guillen, Raymond Poidevin, Jacques Thobie e Pierre Milza), embora seu mestre Pierre Renouvin, desde os anos 1930, já estivesse reformando profundamente a velha História Diplomática.

Ainda que seus passos não tivessem se cruzado nesses anos, o professor Cervo, benjamim dessa geração, também fazia seus estudos pelas terras francesas de Girault. Em 1964, o brasileiro iniciava sua formação superior em Estrasburgo, retornando ao Brasil com o doutorado já no início da década de 1970. Ao lado de contemporâneos como Gerson Moura, Moniz Bandeira e Ricardo Seintenfus, Cervo então constituía a geração pioneira deste lado do Atlântico, sobretudo quanto às empreitadas institucionais; sua presença seria fundamental no desenvolvimento dos estudos sobre relações

internacionais na Universidade de Brasília, impulsionando a academia brasileira a igualar o ensino, a reflexão, mas também o nível das produções sobre a história do Brasil no mundo que ainda permaneciam fortemente nas mãos dos diplomatas.

Enquanto outros textos já fizeram referência a esse particular percurso (como SARAIVA, 2003), cabe-nos, neste espaço, lembrar que os diálogos de Cervo com escolas estrangeiras tanto alimentaram os caminhos trilhados cá, quanto interpelaram o que, no além-mar, se produzia⁴. As palavras que anunciam a obra de 1985, que assina com Clodoaldo Bueno, dão importantes pistas sobre essas transferências e circulações:

A antiga história diplomática, descritiva e jurídica, mas carente de explicação, foi de muito superada pela nova história das relações internacionais. Estabelece essa dois parâmetros de análise, que levam o historiador, constantemente, das forças profundas, que são determinações históricas, ao processo decisório, próprio dos homens de Estado e vice-versa. Tal dialética tende a fornecer explicação à rede dos fatos que compõem o jogo internacional, pela vinculação entre a ação internacional e as variáveis econômicas, sociais, geográficas, psicológicas e espirituais que determinam seu curso (CERVO e BUENO, [1985], p. 5)

O entendimento sobre esses contornos do passado em uma obra de síntese, que revelava a maturidade da academia brasileira para pensar o Brasil no mundo, somente se faz possível quando tais palavras são cotejadas com a trajetória da História das Relações Internacionais na França e na Itália.

De fato, sobre a historiografia francesa, enquanto trabalhos como *Manuel historique de politique étrangère*, de Emile Bourgeois, *Europe et la Révolution française*, de Albert Sorel, ou ainda *Histoire Diplomatique de l'Europe*, de Antonin Debidour ainda marcavam a literatura sobre o que se denominava História Diplomática na primeira metade do século XX, os oito volumes de *Histoire des relations internationales* publicados por Pierre Renouvin entre 1953 e 1958 vieram à luz para problematizar a concepção de um campo preocupado, até então, apenas com uma factual história das relações interestatais. Renouvin, já na Introdução dessa obra, alertava que:

⁴ Em seu livro sobre o estado da arte da tradição francesa em 2012, Robert Frank (sucessor de Girault na Sorbonne) destaca a influência não somente dos trabalhos de Cervo, mas também da, segundo ele, “riquíssima” Revista Brasileira de Relações Internacionais (FRANK, 2012, p. 33-34).

As novas tendências da pesquisa histórica, que valorizam o estudo da vida material ou espiritual das sociedades humanas, sugerem, na área das relações internacionais, uma nova orientação. Nessa perspectiva, as relações entre os governos deixam de ser o centro de interesse; o que importa é a história das relações entre os povos. [destaque no original] (RENOUVIN, 1994 [1953], p. 8)

Na década seguinte, mais precisamente em 1964, exatamente quando o professor Cervo chegava à França para seus estudos superiores, a publicação de *Introduction à l'Histoire des Relations Internationales* consolidava a maturidade da disciplina e detalhava o novo método. Tratava-se de reconhecer uma complexidade nas relações internacionais que antes escapava àqueles que apenas seguiam os passos e as vozes dos diplomatas. Para além de se dever esmiuçar o aparelho do Estado e a personalidade de seus agentes na pesquisa sobre relações internacionais (contribuição distinta do discípulo de Renouvin, Jean-Baptiste Duroselle), era preciso considerar como sobre eles agiam os fatores geográficos, as condições demográficas, as forças econômicas, as questões financeiras, o sentimento nacional, os nacionalismos e o sentimento pacifista (as tais “forças profundas” evocadas por Cervo) (RENOUVIN e DUROSELLE, 1964). Tratava-se, certamente, de uma mudança paradigmática, construída desde o trauma geracional provocado pela guerra de 1914-18⁵, revelando um passado ainda mais complexo para aqueles interessados nas relações que ultrapassam ou desconsideram fronteiras.

A evolução da escola francesa, no entanto, não cessou com a obra fundamental de 1964. As gerações seguintes continuaram a interpelar limites, particularmente ao questionar a demasia das perspectivas históricas das elites e certa concepção determinista das causalidades múltiplas que Renouvin e Duroselle haviam identificado⁶. Tratava-se, então, da contribuição do grupo composto por René Girault e por seu sucessor, Robert Frank, com quem o professor Cervo mais travou diálogo e cooperação (CERVO, 2017, p. 25).

Na virada do século XXI, passam a ganhar destaque reflexões que relativizam ainda mais o papel do Estado, que valorizam os diferentes tempos

⁵ Para as primeiras reflexões críticas de Renouvin para com a antiga História Diplomática, ver (RENOUVIN, 1931).

⁶ Na Introdução do quarto volume de sua coleção, publicado em 1954, Renouvin chega, de fato, a afirmar que as forças profundas contribuem fortemente para “determinar” a política externa dos Estados (RENOUVIN, 1994 [1954], p. 336). Ver, também (TOURNÈS, 2012, p. 170).

históricos, que tomam em conta culturas e representações e que adotam uma perspectiva de análise das relações internacionais a partir de circulações e apropriações. Nesse contexto, por exemplo, Robert Frank e seus colaboradores tornaram mais complexos os entendimentos sobre as imaterialidades nas relações internacionais, passando das discussões sobre “psicologia coletiva” para outras que preferem uma abordagem destacando os sistemas de representações e os imaginários sociais no que antes era apenas a identificação da “imagem do outro” (FRANK, 1994)⁷. No mesmo tempo, enquanto a história cultural sobressaía-se, foi fundamental o papel de René Girault ao incentivar estudos que mantivessem a preferência por atores econômicos, mas que também questionassem as agências de tais atores como não necessariamente operando por lógicas nacionais, revelando redes e sociabilidades transnacionais (FRANK, 2012, pp. 17-20)⁸.

Finalmente, a atual geração à frente da tradição francesa, com a liderança da historiadora Laurence Badel desde 2012⁹, parece oferecer uma síntese para o futuro de tal centenário legado através de uma abordagem culturalista das estruturas estatais e de uma sociologia dos atores e dos ambientes em que atuam. Para além das relações sistêmicas entre povos e sociedades, sempre atual como enquadramento teórico-metodológico, as estruturas institucionais que servem de vetores a tais dinâmicas voltam ao escrutínio dos pesquisadores, mas, agora, entendidas de forma não compartimentada e estanque, com destaque para suas internas relações entre ordens políticas, econômicas e culturais (BADEL, 2019, pp.38-39)¹⁰.

A escola italiana

As reflexões e contribuições historiográficas de Amado Cervo não se reduziram ao contato com a escola inaugurada por Pierre Renouvin. Foram também influenciadas pelo debate com outros historiadores das relações internacionais, o que se tornou mais claro a partir de setembro de 1989, quando o historiador brasileiro participou do Congresso de História e

⁷ Ainda sobre a influência da história cultural na tradição francesa, ver (DULPHY et alii, 2010).

⁸ Ver, também (GIRAULT, 2004).

⁹ Com a aposentadoria de Pierre Renouvin da cadeira de História das Relações Internacionais na Sorbonne, em 1964, foram seus sucessores: Jean-Baptiste Duroselle (1964-1983), René Girault (1983-1994), Robert Frank (1994-2012) e Laurence Badel (desde 2012).

¹⁰ Ver, também (BADEL, 2014).

Metodologia de Relações Internacionais, organizado nas cidades italianas de Perugia, Trevi e Spoleto pela Comissão de História das Relações Internacionais, pelo Comitê Internacional de Ciências Históricas, pelo Departamento de Ciências Históricas da Universidade de Perugia e pelo Centro de Estudos da Política Externa e da Opinião Pública da Universidade de Milão (BONA, 1989, p. 653).

O encontro, que ocorreu poucas semanas antes da queda do muro de Berlim, conheceu a participação de historiadores provenientes da Europa Ocidental (especialmente da França, mas, sobretudo, da Itália), da União Soviética, dos Estados Unidos, do Egito, da Austrália e de dois países latino-americanos, Brasil e Argentina. O intuito do congresso foi debater as diferentes escolhas metodológicas ligadas aos contextos nacionais de estudo das relações internacionais e os desafios existentes na área de História das Relações Internacionais. Segundo Enrica Bona, foi nesse evento que Cervo acabou se aproximando dos colegas italianos com os quais estabeleceria sólidas parcerias e também frutuosa e intensos debates metodológicos (BONA, 1989, p. 652).

Dispersos, os historiadores italianos desenvolveram suas análises sobre as relações internacionais não somente em diferentes universidades do país, mas também apresentando entre si profundas divergências de caráter metodológico e de escolha de objetos estudo¹¹. Tendo iniciado sua tradição simultaneamente aos historiadores diplomáticos franceses antecessores de Renouvin, e influenciados pela tendência presente em outros jovens estados nacionais do velho continente de fins do XIX, os italianos dedicaram-se, inicialmente, ao estudo da história da política externa do período de pós-unificação. Participaram, então, ativamente do debate sobre as ciências históricas a partir da área da História Diplomática, que assumiria no início do século XX, no período fascista, a denominação de História dos Tratados e da Política Internacional.

Nascida inicialmente também como ciência ligada ao Direito Internacional (na Universidade de Pádua, por exemplo, um mesmo docente era responsável pelas duas disciplinas), essa História dos Tratados evoluiu para

¹¹ Atualmente, cerca de oitenta pesquisadores (distribuídos pelos vários níveis da hierarquia acadêmica) pertencem ao corpo docente da área de História das Relações Internacionais na Itália, repartidos em várias universidades do país, sobretudo nas regiões centrais e setentrionais.

uma análise da atuação diplomática dos atores internacionais, dando centralidade ao documento diplomático como fonte principal de indagação. Parte dessa tradição acabaria se renovando no período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando Mario Toscano, catedrático da disciplina na Universidade “La Sapienza” de Roma e organizador da primeira edição dos “Documentos Diplomáticos Italianos”, firmou-se como um dos novos protagonistas da História Diplomática italiana. Um dos períodos de maior atividade de Toscano, portanto, deu-se paralelamente aos anos de publicação de *Histoire des Relations Internationales*, de Renouvin, que acabou sendo fortemente criticado pelo italiano.

Além de obstinar-se quanto à proeminência do documento diplomático como fonte para a análise das relações entre os Estados, método então em pleno questionamento pelos franceses, Toscano ressaltou o que entendia como tendência exagerada em ampliar “o campo de indagação da nossa disciplina para colocar em evidência maior os fatores materiais e espirituais que influenciam na formação de uma política externa e nos relacionamentos entre os Estados”. Ir além da análise das decisões que determinam as relações entre os Estados constituía, para ele, a perda da autonomia da História Diplomática como história particular, transformando-a em uma “história sem adjetivos” (TOSCANO, 1963, pp. 11-12)¹². Entretanto, ainda que a História Diplomática continue representando uma influência viva no estudo da história da política externa italiana – recentemente, expoentes como Pietro Pastorelli, discípulo de Toscano, encontravam-se à frente dessa escola em “La Sapienza” – outras tendências contribuíram para a evolução da historiografia italiana.

Contemporaneamente à obra de Toscano, a corrente dita da “nova historiografia”, com primórdios no período do entreguerras, teve em Federico Chabod um dos expoentes, em sintonia com os colegas franceses. Como se pode claramente apreender do prefácio de *Storia della politica estera italiana dal 1870 al 1896*, publicada pela primeira vez em 1951, certa intolerância em

¹² Interessante observar que tal perspectiva continuaria atravessando diversas escolas europeias nas décadas seguintes, como se pode perceber, por exemplo, na obra de Adam Watson de 1984, *The Evolution of International Society*, sobretudo em sua página 7, onde se lê que: “...many histories of international events concentrate on the narrative and on the policies and motives of individual states and personalities, from which it is difficult to disentangle the operation of the system as a whole” (WATSON, 1984, p. 7).

relação à História Diplomática levou Chabod a destacar “as bases materiais e morais [, assim como] o complexo de forças e sentimentos” da iniciativa diplomática (CHABOD, 1971 [1951], pp. 4-5). Em obra elogiada por Fernand Braudel que, em revisão crítica, a tomou como “um novo esforço para repensar a História Diplomática fora das normas clássicas de análise” (BRAUDEL, 1952, p. 259), Chabod se colocava em pleno diálogo com Renouvin e com a História das Relações Internacionais que então se fortalecia.

A tendência de consolidação dos novos métodos da História das Relações Internacionais na Itália tornou-se mais evidente duas décadas mais tarde, a partir dos anos 1970, sobretudo graças aos trabalhos de Ennio Di Nolfo que, primeiramente na Universidade de Pádua e, posteriormente, na Universidade de Florença, criou centros de estudo e pesquisa (culminado com a criação do doutorado em História das Relações Internacionais em 1985) permitindo aos seus membros adotarem perspectivas de análise e temas totalmente novos em relação a outras tradições italianas. Tal renovação, não limitada à escola florentina, foi ditada pela relativização da política externa italiana como objeto de estudo e por um diálogo cada vez mais profundo com a historiografia francesa, anglo-saxã e, mais recentemente, não europeia. Apesar de algumas críticas feitas aos discípulos de Renouvin sobre certa compartimentalização das narrativas, Di Nolfo ressalta a retomada das reflexões sobre novos temas e novas abordagens metodológicos propostas por René Girault, “ampliando a visão para horizontes mais vastos”¹³. O trabalho de Di Nolfo, entretanto, tardaria a marcar o ensino da disciplina na Itália. Ainda que, a partir da década de 1960, as aulas tenham sido renomeadas para “História das Relações Internacionais”, na maior parte das universidades italianas, continuou a prevalecer a abordagem didática da História Diplomática¹⁴. Foram novos manuais propostos por Di Nolfo e por outros

¹³ Di Nolfo nota que “quando se abrem algumas obras inspiradas no mestre francês, não se pode não perceber um sentimento de incômodo perante uma preordenada colocação da matéria. Como em uma litania, apresentam-se de maneira unilateral os esquematismos à Renouvin: no primeiro capítulo a situação financeira, no segundo, a comercial, no terceiro, a demográfica, no quarto, a opinião pública e assim por diante, seguindo uma seqüência repetitiva que provoca o desvio da atenção da mudança da estrutura de fundo; assim, não se evidenciam as ‘forças profundas’, mas os ‘hábitos enraizados’” (DI NOLFO, 2006, p. 68).

¹⁴ Uma das razões foi a adoção, pela maioria dos docentes, da obra *Storia Diplomatica dal 1919 a oggi*, de Jean-Baptiste Duroselle, publicada originalmente em 1953, quando Duroselle tinha 36 anos e apenas iniciava a cooperação com Renouvin. Apesar do pertencimento do autor à

colegas italianos nos últimos anos que trouxeram às salas de aula italianas abordagens e perspectivas mais ricas, com conteúdo que tomassem em consideração também aspectos econômicos, sociais e culturais das relações internacionais¹⁵.

Atualmente, historiadores como Leopoldo Nuti, Antonio Varsori e Silvio Pons dão seguimento à iniciativa de Di Nolfo, contribuindo ativamente para uma historiografia mais internacionalizada e levando em conta os novos desafios que as mudanças do sistema internacional impôs para a disciplina. Como observou recentemente Varsori, o campo de estudo antes limitado à dinâmica do relacionamento entre Leste e Oeste, sobretudo na Itália, precisa considerar também o conflito entre Norte e Sul em diferentes níveis de análise. Para o italiano, a complexidade de um ator internacional e seu lugar no mundo revelam-se pela forma como reflete a interação entre diferentes “forces profundes”, tanto em suas dimensões político-diplomáticas como nas culturais, de gênero e ainda outras (VARSORI, 2018).

Apesar da força dessa nova geração, a escola italiana recentemente enfrentou grandes dificuldades ligadas a uma reorganização de suas universidades, que relegou o campo a uma área minoritária nos departamentos de Ciência Política e extinguiu programas de doutorado especializados que, desde 1985, haviam formado dezenas de pesquisadores. Além disso, a revista *Storia delle Relazioni Internazionali*, da Universidade de Florença, cessou suas publicações, privando os especialistas italianos de uma importante plataforma de debate e divulgação das pesquisas. Mesmo diante de tais dificuldades, em um esforço comum, historiadores das relações internacionais criaram recentemente a Sociedade Italiana de História Internacional (*Società Italiana di Storia Internazionale – SiSi*), com o objetivo de revigorar e ampliar um campo de estudo que parecia fadado à marginalização (VARSORI, 2016, p. 282).

escola *renouvinienne* e de uma vasta produção posterior adotando as mais diversas perspectivas de história das relações internacionais, esse particular manual, que apresenta um enfoque eminentemente político e mais factual em sua estrutura, fora tomado como próximo a uma mais tradicional História Diplomática e ainda hoje encontra-se presente na bibliografia de muitos programas da disciplina no país.

¹⁵ Como, por exemplo, seu extenso livro (DI NOLFO, 2018a) e sua versão mais sintética (DI NOLFO, 2018b) ou ainda (VARSORI, 2015), de Antonio Varsori, discípulo de Di Nolfo. Ainda que outros manuais de autores italianos tenham também surgido, interessante notar o cada vez mais frequente recurso a (BEST et alii, 2014).

Finalmente, faz-se importante ressaltar que a escola italiana, que tem participado ativamente de importantes redes de colaboração internacional de pesquisa nos últimos anos, está fortemente envolvida na superação de novos desafios metodológicos criados pelo retorno de análises sistêmicas sobre o passado (ditas em alguns círculos como de História Global), mas também pela possibilidade de se criar uma história informada e enriquecida pela Teoria das Relações Internacionais. Ainda que a interação entre a História das Relações Internacionais e a Teoria das Relações Internacionais possa parecer, hoje, inovadora e de difícil realização, representava uma das maiores tentativas de inovação metodológica na época do primeiro encontro do professor Cervo com os colegas italianos em 1989. Em particular Brunello Viguzzi, da Universidade de Milão e com o qual Amado Cervo estabeleceu uma sólida amizade e colaboração (CERVO, 2017, p.25), aparece como um dos que, com mais força, tenta, já desde a época do congresso de Perugia, criar um diálogo entre as duas ciências, abrindo a História para a Teoria das Relações Internacionais. Enquanto nas tradições anglo-saxãs, sobretudo norte-americana, nota-se a tentativa de se criar uma *International History* como fruto de profunda interação e amálgama entre cientistas políticos e historiadores, na Itália, Viguzzi propôs uma colaboração que não alterasse as características das duas disciplinas (BONA, 1989, p. 653). Nesse sentido, a escola italiana não se distanciou do posicionamento de Cervo, assumindo uma postura de interesse crítico em relação às Teorias das Relações Internacionais.

Conclusão

Relembrando o livro de Girault, que inicia este texto, e o diálogo travado com as escolas francesa e italiana que visitamos brevemente, ao observarmos o conjunto da obra do professor Cervo, notamos que constitui clara marca de reconhecimento de como “ser” um historiador das relações internacionais. Independentemente das escolhas temáticas e de objeto de estudo, que muitas vezes refletem anseios e conjunturas locais, ao se observar como esses historiadores problematizaram seus objetos e como refletiram sobre o fazer História, o espírito de permanente questionamento é o que parece ter mais circulado entre o velho continente e o Brasil, provocando múltiplas influências e colaborações. Ainda que tenham evoluído juntos nesse

sentido, importante ressaltar na trajetória do professor Cervo uma particularidade. Ciente de que as teorias das relações internacionais carregam e veiculam “valores, desígnios e interesses nacionais” e de que, demasiadas vezes, faz-se uma recepção acrítica de tais modelos no Brasil, Cervo também se lançou no difícil e arriscado exercício de reflexão sobre modelos de análise das relações internacionais (CERVO, 2017, 22 e CERVO, 2008). O fez sempre, porém, a partir da História, pois a entendendo como conhecimento científico legítimo e base empírica necessária.

Referências

- BONA, E. "Storia e metodologia delle relazioni internazionali", *Il Politico*, vol. 54, n. 4 (152), 1989, p. 651-656.
- BADEL, L. "Conflicting Identities. French Economic Diplomacy between the State and the Companies in the Twentieth Century", *Diplomacy & Statecraft*, n. 25, vol. 3, 2014, p. 432-452.
- BADEL, L. "Diplomacy and the History of International Relations: Redefining a Conflictual Relationship", *Diplomatica*, n. 1, 2019, p. 33-39.
- BEST, A. et alii (org.). *Storia delle relazioni internazionali. Il mondo nel XX secolo e oltre*. UTET, 2014.
- BRAUDEL, F. "Chabod, Storia della politica estera italiana dal 1870 al 1896", *Annales. Economies, sociétés, civilisations*, ano 7, n. 2, 1952, p. 259.
- CERVO, A. e BUENO, C. *A política externa brasileira: 1822-1985*. São Paulo: Ática, 1986 [1985].
- CERVO, A. *Inserção Internacional: formação dos conceitos brasileiros*. São Paulo: Editora Saraiva, 2008 .
- CERVO, A. *Amado Luiz Cervo* (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/FGV.
- CHABOD, F. *Storia della politica estera italiana dal 1870 al 1896*, Roma: Laterza, 1971 [1951].
- DI NOLFO, E. *Prima lezione di Storia delle Relazioni Internazionali*. Roma, 2006.
- DI NOLFO, E. *Storia delle relazioni internazionali*. 3 Vol., Laterza, 2018a.
- DI NOLFO, E. *Dagli imperi militari agli imperi tecnologici: la politica internazionale dal XX secolo a oggi*. Laterza, 2018b.
- DULPHY, A et alii (org.). *Les relations culturelles internationales. De la diplomatie culturelle à l'acculturation*. Bruxelles. Paris: PIE-Peter Lang, 2010.
- FRANK, R. (org.). « Images et imaginaires dans les relations internationales depuis 1938 », *Cahiers de l'Institut d'histoire du temps présent*, n. 28, 1994.
- FRANK, R. (org.). *Pour l'histoire des relations internationales*. Paris: PUF, 2012.

- GIRAULT, R. *Être historien des relations internationales*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1998.
- GIRAULT, R. *Diplomatie européenne. Nations et imperialismes (1871-1914)*. Paris: Payot, 2004.
- RENOUVIN, P. “La publication des documents diplomatiques français, 1871-1914”, *Revue historique*, t. CLXVI, ano 56, 1931, p. 266-273.
- RENOUVIN, P. (org.). *Histoire des Relations Internationales*. 3 vol., Paris: Hachette, 1994 [8 vol, 1953-1958].
- RENOUVIN, P. e DUROSELLE, J.B. *Introduction à l'histoire des relations internationales*. Paris: A. Colin, 1964.
- SARAIVA, J. “Um percurso acadêmico modelar: Amado Luiz Cervo e a afirmação da historiografia das relações internacionais no Brasil”, MARTINS, Estevão (org.). *Relações Internacionais: visões do Brasil e da América Latina*. Brasília. IBRI, 2003, p. 17-36.
- TOSCANO, M. *Storia dei trattati e della politica internazionale*. Torino: Giappichelli, 1963.
- TOURNÈS, L. “Relire Pierre Renouvin”, GUIEU, J. e SANDERSON, C. (org.). *L'historien et les relations internationales autor de Robert Frank*. Paris: Publication de la Sorbone, 2012.
- VARSORI, A. *Storia internazionale dal 1919 a oggi*. Il Mulino, 2015.
- VARSORI, A. “Dalla storia delle relazioni internazionali alla storia globale? Il caso italiano fra tradizione e cauta innovazione”, *Ricerche di storia politica*, ano 19, n. 3, 2016, p. 269-283.
- VARSORI, A. “Introduction”, VARSORI, A. e ZACCARIA, B. *Italy in the International System from Détente to the End of the Cold War*. Palgrave MacMillan, 2018.
- WATSON, A. *The Evolution of International Society*. Londres: Routledge, 1984.